



AVENÇA

# QUINZENÁRIO REGIONALISTA — PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALÍVIO

## VILA VERDE



Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Redacção e Administração Residência Paroquial de Prado — Tel. 92123 — BRAGA

VISADO PELA CENSURA

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» — BRAGA

## A Taberna

Já dissemos, num destes nossos artigos a que «O Vila-verdense», tão indulgentemente, dá publicidade que a nossa instrução é rudimentar. Além disso, pertinaz esgotamento cerebral que nos aflige, há muitos anos, não nos permite ler senão um ou outro jornal e é, portanto, na leitura dos chamados casos do dia que colhemos elementos para a factura dos nossos escritos. Sem podermos recorrer a uma formação intelectual que não possuímos nem a uma bibliografia que o nosso espírito cansado não poderia interpretar, cá vamos rabiscando «corrente calamo» a respeito dos assuntos que preferimos e se, literariamente, não conseguimos brilhar, servimos, pelo menos, nesse labor, como teste da paciência dalgum desprevenido leitor e como alvo da fusilaria de «gralhas» com que os compositores do jornal, justamente aborrecidos com a pobreza dos nossos arrazoados, os mimoseiam constantemente.

Na sequência das apreciações que temos aqui feito aos vários aspectos da imoralidade, cabe-nos, hoje, falar da Taberna, assim mesmo com maiúscula, pois trata-se duma instituição cuja origem se perde na noite dos tempos e como «à tout seigneur tout honneur», temos que tratar com o devido respeito a veneranda matrona de quem Sileno e Baco são numes tutelares.

Zola, cujas obras, segundo cremos, estão no Index mas que, não obstante, foi chamado o inimigo leal da Igreja, escreveu um livro, A TABERNA, que não nos lembramos de ter lido mas em que, o vigoroso escritor, irreverente realista, mas com um poder de descrição incomparável, não deixou, certamente, de combater a praga social que a taberna representa sobretudo na sua pátria, que é um dos países de maior alcoolismo, no mundo. Quanto a nós essa praga só tem similar no bordel, aliás já dissemos noutro artigo que como Vénus e Baco, andam, geralmente, de braço dado, é natural que, desse conúbio maldito, resulte ser a TABERNA, fartas vezes, a antecâmara do lupanar.

Chamamos também à TABERNA, anteriormente, antro de depravação e de degenerescência e tal qualificação cabe-lhe muito bem já que, ali, o homem se transforma no que existe de mais abjecto. Sob a acção do alcool, embotada a razão, ele torna-se, segundo uma apreciação que lemos algures, sucessivamente em quatro animais diferentes: depois dos primeiros copos, é o papagaio, pois o começo da embriaguez fá-lo loquaz, tagarela, como aquela ave; depois dos copos seguintes é o macaco, a fazer esgares, tregeitos como este quadrúmano. Mais umas libações e o homem é o leão a agredir ou a querer agredir toda a gente. Finalmente mais um copo e ei-lo transformado num porco a escabujar no chão.

Que espectáculo confrangedor o do homem embriagado! Ele desceu abaixo do irracional, pois já nem a razão nem o instinto o comandam. Porém, o mal não se resume naquele espectáculo desolador porque é grande a sua projecção. Vai reflectir-se na vida da família, no futuro dos filhos, na própria eugenia da estirpe. É uma casa muitas vezes sem pão, um lar sem paz, um porvir sem esperança. E tudo por causa da Taberna porque, sem ela, ali como tantas coisas seriam diferentes!

Como não podemos abusar do espaço deste jornal, pomos de remissa certos locais que, embora ostentando nomes pomposos, bares, clubes, casinos, etc. são, afinal, da mesma natureza da Taberna pois os seus «habitues» vão, ali, empanturrar-se com champanhes e uíques, como na tasca reles o frequentador pobre se degrada com a cachaça ou com o vinho muitas vezes feito a martelo...

Vamos, pois, falar apenas da Taberna ou, ainda melhor, das tascas das aldeias, algumas das quais não são mais do que verdadeiras alfurjas e que, por irrisão suprema, usam

(Continua na 4.ª pág.)

## O diabo da moda

O diabo da moda vai levar muita gente ao inferno e o país à ruína.

Já não falo da moda dos vestidos imodestos, que, por loucamente reduzidos, apertados e transparentes ofendem o respeito, a reserva e a dignidade mesmo natural das mulheres. Não, pois sei que as mulheres desde há muito perderam a vergonha. (Perdoem-me as que ainda conservam algum amor ao seu mais belo ornamento, que é o pudor natural e cristão.) Refiro-me agora aos vestidos das crianças, adultos de amanhã, para a sua plena instalação em Portugal.

O nosso Governo, que honra lhe seja, tem visto muito, mais podia ver ainda! Aliás muito havemos de chorar...

Os pais onde têm a cabeça? Dantes mortificava-os o escândalo que seus filhos recebiam das pessoas indignas. Hoje são eles mesmos

FRANCISCO SÉRIO

## Missa Nova

A paróquia de Mós, deste alegre concelho, prepara-se para viver um dia pleno de alegria e triunfo. Em 31 do mês corrente, um seu filho, o sr. P.e António da Mota Gonçalves, subirá pela vez primeira ao Altar do Senhor para celebrar o Augusto Sacrifício.

Conheço bem o neo-presbítero, pois acompanhei-o durante a maior parte do seu tempo de estudante. Das muitas e boas qualidades, que inegavelmente o enriquecem, é justo salientar a piedade verdadeira, a inteligência penetrante e o constante bom humor.

Muito sinceramente agradeço o convite que me fez. Só foi pena que chegasse no momento em que o jornal estava já quase composto — desejava falar mais longamente do sr. P.e Mota Gonçalves. Fá-lo-ei no próximo número, se Deus mo deixar.

Por agora, muitos parabéns ao sr. P.e Mota e à ridente freguesia de Mós.

F. S.

## Desenlace

(A ALGUÉM)

Prós seus quatro filhinhos, linda esp'rança,  
Vive, sózinha, e da recordação,  
Aquele que é menina'inda criança,  
A quem a dor ferir o coração!

Os loiros duma idade'inda recente  
Plena de sonhos e de amor sem fim,  
Recordam-lhe o amor puro, alvinite,nto,  
Da vida que ruíu no seu jardim!

Nos olhos do filhinho encontra a vida  
Daquele que partira p'ró além  
E vive na sua alma enterneçada!

Levaste-lhe, meu Deus, todo o seu bem!  
Não lhe falteis jamais com a guarida  
Do Vosso coração, ó Sumo Bem!

GOTA D'ORVALHO

## De Vila Verde

II

### Urge acudir à Lavoura

#### no concelho de Vila Verde

Antes de continuarmos a série de artigos que nos propusemos escrever sobre a crise da Lavoura, especialmente no Concelho de Vila Verde, queremos fazer uma necessária precaução.

Poderá alguém julgar que estamos a servir campanhas políticas ou afomentar inclinações pessimistas. É erro grave.

O Sr. Ministro da Economia, em vários discursos, especialmente no último do Porto, pôs a questão muito a claro da industrialização do país. Quem não seguir uma organização com sólida orientação naufraga necessariamente. Ora, a Lavoura também tem de ser industrializada e seguir os critérios traçados por Sua Excelência.

É necessário frisar que a crise que atinge duramente o Concelho de Vila Verde, na sua principalíssima fonte de receita — a Lavoura — não é resultante de uma carestia de carácter temporário. É grave, e a sua situação longe de melhorar, cada vez caminhará mais para a ruína.

Estamos a ser atingidos pelo que afirmou o Sr. Ministro. Perante o desenvolvimento industrial da Agricultura Nacional, com as suas organizações ajudadas pelo Estado, nós agarramo-nos à nossa rotina; não estudamos os nossos problemas, não nos organizamos, não mudamos parte das nossas culturas, não defendemos o que temos de bom, de modo que, a assim prosseguirmos, resta-nos atar as mãos na cabeça, como fazem os macacos e afogar-nos.

Disso nos precaveu Sua Ex.cia o Sr. Ministro da Economia.

Quanto à extensão da crise que já nos atormenta — verdadeira ruína — fica para outro artigo.

O Concelho de Vila Verde, muito extenso, 219,64 Km<sup>2</sup>, com 58 freguesias, exporta muitos milhares de carros de pão e de pipas de vinho.

Tem bons vinhos verdes, mas, no geral, mal amanhados. O milho, se tem boas campinas na Ribeira de Penela, vale do Cávado e do Homem, na sua maior parte, é cultivado em terrenos acidentados, de difícil maquinação, de fraca natureza, e de má irrigação.

O índice de produção por hectare tem de ser fraco. Até aqui a mão de obra era barata. Era cultivado com a fome dos jornaleiros e dos lavradores.

(Continua na 4.ª pág.)

## SOMA E SEGUE

Quando o capitão dum barco começa a notar, pelas manifestações de certos fenómenos meteoricos ou atmosféricos que se está a formar um furacão susceptível de pôr em perigo o seu navio e as vidas que este contém, toma todas as providências que não só a Náutica como também o instinto de conservação lhe impõem: manda ferrar as velas, fechar as escotilhas, virar a prôa ao vento e vai, ele próprio, para o leme. Desde que há indícios seguros de ciclone, já ninguém mais dorme, já ninguém pensa em mais nada senão em procurar fugir à morte num mar encapelado em que as ondas são montanhas e o vento ulula com violência inaudita.

Pois bem! Quem é que não nota, mesmo ignorando qualquer espécie de Náutica, que, sobre o mar em que navega esta infeliz humanidade, se está a formar um pavoroso ciclone? Quem é que não verifica que sobre este oceano já tão semeado de escolhos que é o mundo de hoje, não tarda a desencadear-se uma tremenda procela que tudo arrojará para o fundo dos abismos? O povo simples, o povo desconhecido, de meteorologia e outras ciências mas com a presciência do instinto que é também apanágio de tantas espécies animais, já diz, por toda a parte: O mundo vai acabar! E aterra-nos esta afirmação porque Vox populi, Vox Dei.

Em face duma situação internacional que chegou ao apogeu da gravidade; com a maior parte da Ásia e metade da Europa dominadas pelo comunismo ateu; com a maior parte da África liberta da hegemonia dos povos que a desbravaram e trouxeram para o convívio da civilização, libertação essa imposta pelos aborígenes com consequências extremamente sangrentas, como está a ocorrer no Congo e têm acontecido, em muito maior grau, na Argélia; com países do continente americano em constantes disputas; quando o colosso soviético insulta e provoca de todos os modos e feitios as nações «leaders» do Ocidente e, em especial, a América do Norte que, não obstante se considerar a mais rica e poderosa nação do mundo, tem recebida afrontas que, noutros tempos, seriam outros tantos «casus belli»; em face de tudo isso e de muito mais que não há necessidade de indicar por ser do conhecimento geral, como é que o Ocidente, este Ocidente paladino da moderna civilização, este Ocidente corifeu das artes e da técnica, este Ocidente criador das ciências, este Ocidente luzeiro do resto da humanidade, sente a aproximação do furacão espantoso que, se Deus não se compadecer de nós, reduzirá, inexoravelmente, a cacos o mundo actual?

Ah! A civilização ocidental quer morrer em beleza e, assim, num gesto de puro helenismo, reuniu nos Estados Unidos da América (sempre nessa nação!) e mais uma vez, um concurso de beleza em que uma beldade americana foi a vencedora porque a medida

(Continua na 4.ª página)

## Pela Administração

### Novos assinantes

São novos assinantes os Ex.mos Senhores António Anselmo dos Santos Gonçalves, Dr. Jaime Ferreira, José Augusto Ferreira Machado, por intermédio de José Torres da Cunha, ausente em Lisboa e Manuel de Sousa Araújo, por si mesmo.

### Pagaram

Os Ex.mos Senhores:  
De 31-1-60 a 31-1-61: João Macedo de Oliveira;  
De 14-2-60 a 14-2-61: Constantino José Gonçalves e Manuel Arantes Malheiro;  
De 28-2-60 a 28-2-61: Júlio Alves Gomes;  
De 1-3-60 a 1-3-61: Abílio Cunha;  
De 19-3-60 a 19-3-61: Abílio Bastos, António Augusto de Sá Machado, António Coelho Gomes, António Joaquim Rodrigues Loureiro, António Lobo de Macedo, António Lopes (Moutinho), António Lourenço Lima, Antónia Dias, Belarmino de Lima, Bernardino de Araújo, D. Clementina Gomes Correia, D. Edmar Andrade Coelho, Feliciano Félix Araújo, Francisco António Balixa, Francisco Ferraz Machado, Francisco da Silva Moreira, Gabriel Nunes, Geraldo Almeida Coelho, João Lopes Ferraz, João Macedo Bouças, José Augusto Simões de Macedo, José Gomes de Azevedo, José Joaquim de Queirós, José Malheiro, José da Silva Gonçalves, José de Sousa Ferreira, João da Mota, D. Júlia Machado, P.e Manuel António Caridade, Manuel Dias da Costa, Manuel Edgar Bastos, Manuel Francisco Quintas, Manuel de Lima Peixoto, D. Maria Pereira Lima, Patrício Gomes Ferraz e Pedro da Silva Bastos;  
De 21-6-60 a 21-6-61: João Martins de Vasconcelos Feio;  
De 21-6-60 a 21-6-61: Alberto Araújo Coutinho;  
De 21-7-60 a 21-7-61: António Gouveia e Emília da Mota Gonçalves;  
De 27-9-60 a 27-9-61: Augusto Gonçalves Cerqueira.

## Pico de Regalados

Constituiu verdadeira manifestação de carinho e estima o funeral da sr.a D. Maria Rosa Pires da Silva Esteves Pereira, mãe da sr.a D. Maria Alcina da Silva Esteves Pereira Ferreira, estimada esposa do sr. Dr. António Santos Ferreira, Presidente da Câmara de Vila Verde.

Quando chegamos à Casa de Vau onde estava depositado o corpo da ilustre falecida, já lá se encontravam muitas pessoas de elevada posição social, como advogados, médicos, sacerdotes dos três arceprebendados de Vila Verde, Terras de Bouro e Amares, os Bombeiros Voluntários do nosso concelho com o seu comandante, José Santos e com o seu assistente eclesiástico, P.e Manuel Gonçalves Diogo, pároco de Vila Verde, os vereadores da Câmara Municipal, Mário Bacelar, António José Pinheiro e o sr. Silva, representante da Ribeira, Monsenhor Manuel Mosquera, P.e Elísio Fernandes de Araújo, Director do Colégio D. Diogo de Sousa, P.e Alípio Quintas Neves, Director do Internato, P.e Rodrigo Ernesto de Carvalho, professor do Seminário, Dr. Meneres Pimentel, membro da União Nacional no Porto e várias outras pessoas que não nos foi possível identificar.

Todos acompanharam o cortejo fúnebre até à igreja paroquial de S. Mateus da Ribeira, ouvindo-se durante o mesmo o cântico do «Miserere» que era entoado pelos vários sacerdotes acima mencionados.

Terminada a subida respeitável, iniciou-se o officio, seguindo-se imediatamente a missa celebrada pelo pároco, P.e João Rodrigues Pereira.

Terminadas as cerimónias religiosas na igreja organizou-se o funeral até ao cemitério local, tendo sido convidados a fechar a urna o ilustre filho da falecida, Dr. Alvaro da Silva Esteves Pereira, médico na cidade do Porto e o Sr. Presidente da Câmara de Vila Verde. Em seguida foi depositada a urna no jazigo da família da estimada e conhecida família da Casa de Vau.

Os nossos votos ao Senhor pelo eterno descanso da ilustre Sr.a que sempre cumpriu o seu dever, pois já alquebrada pela doença que a vitimou, ainda subia o caminho íngreme desde a sua casa até à igreja paroquial para prestar homenagem ao Senhor.

Os nossos pésames a toda a família, não esquecendo seu filho e suas filhas, bem como seus genros Dr. António Santos Ferreira e Dr. Américo Forte Rodrigues Barbosa, ilustre professor no Liceu de Braga e sua nora sr.a D. Maria Regina Vaz Osório Esteves Pereira, da cidade do Porto.

Também tomou parte no funeral o sr. Adérito Barreto, Vice-Presidente da Câmara de Vila Verde e Presidente dos Serviços Municipalizados do mesmo concelho.

Assistiram também várias pessoas das freguesias do concelho de Terras de Bouro que tinham muita consideração pela falecida e que estimam a família da mesma.

### DE SANDE

**Casamento** — No dia 9 do corrente realizou-se na igreja paroquial o casamento de José do Rego e Teresa da Silva Veloso, tendo ele 42 anos e ela 35. Foram padrinhos o sr. António de Oliveira de Cantarinhos e a sr.a D. Adeliina de Jesus Araújo.

Fazemos votos pelas prosperidades dos noivos que residem no lugar de Penouços, desta freguesia.

**Baptizado** — No dia 1 do corrente foi baptizada a primeira filha de António Marinho Marques e de sua mulher Eulália de Azevedo da Silva Ferraz. A menina recebeu o nome de Maria de Jesus Azevedo Ferraz Marques e teve como padrinhos José Gonçalves, residente no lugar de Passos e Rosa da Silva Ferraz, tia materna.

Os nossos parabéns aos pais e votos para que a filha seja uma digna continuadora das tradições religiosas da família.

Já retirou para Lisboa o nosso distinto amigo, Manuel Vivas Gomes, que veio passar uns dias junto dos seus bons pais e irmãs e que não quis ausentar-se sem vir pagar a assinatura do «Vilaverdense» que tanto estima.

Prometeu ainda uma generosa esmola para ajuda da missão que se vai realizar desde 4 de Dezembro a 18 do mesmo mês.

Agradecemos a valiosa oferta e prometemos pedir ao Sagrado Coração de Jesus para o abençoar. Não esqueceremos também o nosso bom amigo Emídio da Mota Araújo e o António Gouveia, prezados assinantes do «Vilaverdense».

Tivemos a felicidade de cumprimentar o nosso prezado assinante Emídio da Mota Gonçalves, que veio passar uns dias junto da sua família e que aproveitou a oportunidade para pagar a sua assinatura, bem como a de Augusto Gonçalves Cerqueira e António Gouveia, todos de Lisboa.

Parabens a todos, não esquecendo o nosso amigo Gouveia que, apesar de ser do Funchal, gosta de saber as notícias de Sande. Fazemos votos pelas suas prosperidades e pela boa saúde de seu pai.

\* \* \*

Encontra-se entre nós Manuel Vivas Gomes, também estimado assinante do Vilaverdense. Desejamos-lhe felicidades bem como aos seus estimados pais.

### DE ATAES

**Obras da Residência** — Concorreram com mais esmolas para as obras de residência paroquial:—

Otilia Antunes, 50\$00; Bento de Oliveira, 150\$00; José Custódio da Silva Araújo — f. c., 100\$00; Rosa Sousa da Costa, 100\$00; Rosa Amélia Bernardes, 100\$00; João Freitas Marques, 150\$00; Maria de Jesus Bernardes, 75\$00; António Carvalho Araújo, 25\$00; Augusto da Silva, 100\$00; Manuel Antunes, 100\$00.

### BARROS

De Barros também concorreram para as obras da residência paroquial:

António Joaquim Peixoto, 150\$00; Adelaide da Silva Barros, 10\$00; José de Freitas Marques, 50\$00; João Alves da Silva, 10\$00; Manuel Joaquim Cerqueira, 20\$00; João Pereira Lima, 10\$00; José Cerqueira Amorim, 5\$00; António Bernardes, 60\$00; Ernesto Rodrigues, 40\$00; Adelino Dias um Carvalho; Matilde Ribeiro Dias, um Carvalho; Ascendino de Jesus Bernardes — um Carvalho; Vergílio Coelho de Araújo, um Carvalho; João Sousa Enes, um Carvalho; Manuel José Pereira, uma peça de castanho.

No número seguinte mencionaremos os que continuarem a entregar as suas esmolas. — (C.).

## NECROLOGIA

### Dr. Francisco Barbosa de Brito

No dia 10 do corrente, em Vila Verde na sua residência ao Campo da Feira, faleceu o senhor dr. Francisco Barbosa de Brito, confortado com os Sacramentos da Santa Igreja.

Tinha 76 anos de idade. Foi um advogado distintíssimo, que dedicou toda a vida ao estudo do Direito, para o que possuía uma boa biblioteca jurídica. Fazia da sua profissão um sacerdócio. Ninguém se atrevia a procurá-lo para uma causa menos justa. Modesto nos seus horários, vivia as acções com toda a sua inteligência.

Foi administrador do Concelho de Vila Verde depois de 1910, sendo notável a sua acção moderadora em período tão agitado.

Foi sempre fiel aos princípios democráticos, porém dentro da corrente mais conservadora.

Perdeu o Conselho de Vila Verde um dos seus grandes homens.

Era casado com a senhora D. Ana Emília da Costa Almeida de Brito; pais das meninas Ester de Almeida Barbosa de Brito, Arminda de Almeida Barbosa de Brito, Helene de Almeida Barbosa de Brito; Maria Lúcia de Almeida Barbosa de Brito, e do senhor José Miguel Almeida Barbosa de Brito.

O seu funeral oonstitui um preito de homenagem. Nele tomaram parte vários magistrados do foro judicial de Vila Verde, Braga e da Relação do Porto, muitos advogados de Vila Verde e de Braga, pessoas de todas as categorias sociais de Braga e de Vila Verde, que quiseram prestar a última homenagem a este grande homem de Vila Verde.

«O Vilaverdense», que contava o seloso D. Francisco como um dos seus assinantes, apresenta à família dorida sentidos pésamos.

### MANUEL JOSÉ ALVES DOS SANTOS

Vítima de um brutal desastre, faleceu em Miranda do Douro, no dia 9 do corrente mês, Manuel José Alves dos Santos, casado, motorista, desta freguesia de Vila Verde.

Quando conduzia um camião na barragem, devido a uma possível avaria no motor, precipitou-se por uma enorme ribanceira, caindo ao rio. O veículo ficou completamente desfeito. O pobre Manuel Santos ainda saiu com vida, sendo conduzido ao Hospital, onde recebeu os Sacramentos da Santa Igreja, recebeu toda a assistência médica, mas não pôde resistir aos ferimentos.

O seu cadáver foi trasladado para o cemitério de Vila Verde, onde foi sepultado em campa de Família.

A toda a família enlutada, nossos prezados assinantes, apresentamos sentidos pésamos.

## Oleiros

**APONTAMENTO** — Falou-se há tempos na reparação da estrada e de alguns caminhos desta freguesia. A ideia mereceu o interesse da Junta da freguesia, que propôs o trabalho a realizar e o bom acolhimento das entidades superiores com o seu indispensável auxílio.

Como o tempo de intenso trabalho não permitia a colaboração dos particulares reolheu-se adiar a sua realização para época mais oportuna.

Que não passe no entanto tudo no esquecimento e tenhamos de fazer de novo as mesmas coisas irremediavelmente...

E' a confiança na colaboração de todos que nos sugere este ligeiro comentário.

**FERIAS** — Nas provas de passagem da 3.a classe, transitaram para a 4.a 17 meninas e 18 meninos.

Fizeram as suas provas de exame de 4.a classe as crianças desta freguesia,

que para o efeito se deslocaram a Prado e foram todas aprovadas. Parabéns.

**PARTIDAS** — Para o Brasil seguiu no dia 9 a sr.a D. Maria de Sá Ribeiro, com as suas 6 filhas. Naquela nação irmã já se encontravam há tempos o seu marido sr. José Afonso e filho João de Sá Afonso. A família desejamos boa viagem. A seu pedido continuará a receber notícias da sua terra através do «Vilaverdense».

**BAPTISMOS** — Foram ultimamente admitidos na nossa família paroquial pelo sacramento do Baptismo um filho de Joaquim de Macedo e Maria de Carvalho (Macedo). Recebeu o nome de Domingos;

— Com o nome de Rosa, a primeira filha de Manuel Cacheta Pereira e Ana de Carvalho Carneiro;

— Com o nome de Manuel um filho de João de Queirós e Maria Arantes;

— e a menina Maria da Conceição, filha de João António de Magalhães Carvalho e Maria Gonçalves de

### DE VILARINHO

Realizou-se com toda a solenidade no Santuário do Sameiro o casamento de João Antunes da Cunha com a menina Maria Odete Antunes de Araújo. As 10 horas e meia uma camionete do sr. José Alves e dois carros ligeiros iniciaram a marcha em direcção ao mencionado Santuário, conduzindo várias pessoas de família e outras das relações e amizade dos noivos que são ambos desta freguesia e que gozam da simpatia de toda a gente pelas suas boas qualidades civis e religiosas. Depois do casamento foi servido um bom almoço na Pensão Maia que mais uma vez manifestou a sua competência.

Da parte de tarde e depois duma visita ao Santuário, iniciou-se a viagem para Vilarinho, tendo-se demorado um pouco na cidade de Braga para visitar o nosso amigo Eduardo de Lima Martins que teve de vir do Sameiro para o Hospital por causa duma doença de que foi acometido durante a viagem para o Sameiro. Por graça de Deus já se encontrava bem e por isso todas as pessoas que tomaram parte no casamento vieram contentes para a sua terra.

Decorreu tudo em boa ordem, por isso estão de parabéns os noivos a quem desejamos as maiores felicidades e uma feliz viagem até ao Rio de Janeiro para onde esperam ir brevemente. — (C.).

## Fique bem disposto

—E' maravilhoso!...

—O quê?

—Ora olha para este fato que trago vestido: a lã é de ovelhas criadas na Austrália; o tecido foi fabricado em Nova Iorque; o fato foi feito em Chicago; e comprei-o em Buenos Aires.

—E então?

—Não achas maravilhoso que tanta gente ganhe o seu pão com um fato que não paguei?

\* \* \*

—O' Maria tire o queque do forno e espete-lhe uma faca. Se a faca sair limpa, é porque já está pronto..

—O' minha senhora, se a faca sair limpa posso espetar todas as outras no bolo? Ficariam todas limpas.., estão tão sujas!

## A' margem do «Homem»

### Valdreu

26 de Junho

### FESTA DE SANTO ANTONIO

E' sempre com reservada piedade que os fiéis sobem a montanha de Mixões da Serra em 13 de Junho, para, na sua original capela, agradecer e pedirem os favores do glorioso Santo António de Lisboa. A confraria, depois de ter lembrado os irmãos mortos com os sufrágios litúrgicos em 11-6-60, não se poupou a esforços para que as festas este ano não desmerecesse das dos anos anteriores; o sr. António Joaquim de Sousa que foi o festeiro, cooperou generosamente com o seu esforço. No dia 13 de manhãzinha já era grande o número de devotos a confessarem-se para comungarem e cumprirem seus votos. As 10h. houve missa rezada acompanhada a cânticos pelo coro das crianças da Cruzada Eucarística; às 12h. o Rev. P.e Capelão, P.e Joaquim Gomes da Costa, celebrou a missa solene em que no momento próprio o distinto orador sagrado, P.e Manuel Fernandes de Sá, pronunciou sublime panegírico do santo. Seguiu-se a procissão do Santo Lenho a que acompanhando o hino de Santo António de colaboração com a conhecida filarmónica de Aboim da Nóbrega. A ordem foi mantida por nutrido grupo de G. Nacional Republicana composto por soldados de Vila Verde e Terras de Bouro que prestaram bons serviços.

**CASAMENTO** — Em 25-6-60 uniram-se pelo sacramento do matrimónio o sr. Manuel Pereira Martins e a menina Felismina das Dores Abreu Dias Simões, ambos naturais desta freguesia. O noivo é filho dos srs. António Martins e sua esposa Guilhermina Pereira que vivem na Cela, e a noiva é filha dos srs. Avelino Dias Simões e sua primeira esposa Leopoldina de Abreu Dias, já falecidos. Serviram de padrinhos o sr. João José Martins e Olívia Martins. Ao novo lar desejamos muitas bênçãos de Deus.

**DOENTE** — Internado no hospital de Vila Verde encontra-se a sr.a Clementina

Rodrigues, esposa do sr. Augusto da Silva, do lugar da Cela, em ordem a uma intervenção cirúrgica. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

**DO BRASIL** — Mais vez de visita a sua esposa e filhos, está entre nós o sr. Agostinho Martins que tem trabalhado no Rio de Janeiro. Ao bom amigo desejamos muita saúde e felicidades junto dos seus. — C.

### Portela do Vade 26

**ÓBITO** — Faleceu na freguesia de S. Gens, concelho de Fafe, o pai do pároco de Aboim da Nóbrega, Rev. do P.e António Joaquim Ferreira Mendes, cujo funeral se realizou no dia 23 do corrente mês, ao qual foram assistir vários paroquianos de Aboim. Pésames à família dorida.

**Baptizado** — (Realizou-se na nossa igreja paroquial o baptizado dum filho do nosso amigo e industrial Alberto Rodrigues Peixoto, é já o décimo filho, e ao qual foi posto o nome de António Alberto. Foram padrinhos o sr. António José da Rocha e sua esposa D. Ana dos Santos Soares. A Ex.ma D. Ilda da Rocha, de nacionalidade americana, filha do padrinho, para solenizar este acto, ofereceu trinta dolares para as obras da igreja e um bodo aos pobres.

**ANIVERSÁRIO** — Festejou o seu aniversário natalício no dia 23 deste mês de Junho, o nosso amigo e assinante do «Vilaverdense» sr. Luís de Oliveira Fernandes, secretário da Junta de Freguesia. Ad muitos anos.

Festejou também o seu aniversário natalício no dia 7 do corrente mês a menina Maria do Céu Oliveira Fernandes Dias, filha amantíssima do sr. Francisco Fernandes Dias, comerciante desta localidade. As nossas felicitações.

**A COMUNHÃO DE CRIANÇAS** — A comunhão solene das crianças é no dia 3 de Julho, com a costumada encerração das devoções aos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Adoração eucarística e procissão. — (C.).

### SNRS. VINICULTORES

### SRS. LAVRADORES

Na limpeza e desinfecção de todas as vasilhas e utensilagem de Adega USAI ACTISOLAR-P. Tira-lhes os bolores, os maus gostos, o acético e toda a sujidade, Avinha e Desinfecta. Os vinhos contidos em vasilhas tratadas com ACTISOLAR-P mantem até final todas as suas qualidades de limpidez, gosto e cor. É a melhor garantia de conservação de todo o Vasilhame.

### CASA ETHERS ou CASA MALVAR

Há mais de 60 anos ao serviço da Viticultura  
Campo Mousinho — Telef. 149

VILA NOVA DE FAMALICÃO

# Prado (Santa Maria)

## OBRAS PAROQUIAIS

Dizíamos no penúltimo número que desejávamos informar os nossos leitores de notícias alegres e animadoras. Graças a Deus, tudo vai correndo, de ventura m popa. Não temos só paleio, não. Podemos registar alguns dados que nos levam a trabalhar, cada vez com maior entusiasmo.

Já começaram as obras de restauro da Igreja Matriz, estando bastante adiantadas. E, o que é verdadeiramente consolador, é a forma como todos encaram as coisas a sério. Nomeámos as Comissões e é vellas, à porfia, porque nenhuma quer ficar atrás em generosidade. Todas mostram verdadeiro interesse para que todos correspondam ao nosso apelo, estando prontas ao menor aceno da nossa vontade. Pedem-se-lhes qualquer colaboração e não há coragem de dizer que não. Anunciamos que iríamos publicar, em todos os domingos, a recsita de cada lugar e todos querem marcar a sua presença, para não ficarem no rol dos faltosos.

Mas, o que é mais animador ainda, é que no geral, com raríssimas excepções, todos procuram corresponder. Seria moroso estar a relatar o que cada um vai dando, limitar-nos-emos a publicar o que entrega cada lugar. Todavia, há algumas ofertas de tal vulto que merecem especial menção. Em primeiro lugar, temos a destacar a do Sr. António Joaquim Rodrigues Loureiro e da sua Esposa D. Amélia, que vão sempre na vanguarda. Além das avultadas ofertas, de que todos são conhecedores, recebemos mais um cheque de 24.000\$00, com a promessa de entregarem mais, num próximo curto espaço de tempo. O Sr. António Soares da Silva, lendo a notícia de que estávamos a precisar dum motor eléctrico, teve a amabilidade de nos trazer um que, infelizmente, não serviu, por não ter as rotações precisas. Em compensação, deixou 1.000\$00. Do Brasil, chegou-nos também, proveniente do nosso amigo Manuel Joaquim da Silva Vaz, a quantia de 250\$00 e outro tanto de seu irmão Augusto da Silva Vaz.

E, que dizer dos outros pradenses disseminados por esse mundo além? Cremos que também saberão dizer que ainda nutrem no seu peito um grande amor pela terra que os viu nascer. Todos saberão contribuir com generosidade e até com sacrifício, como o temos dito mais vezes, procurando que os seus amigos os imitem. As Obras são de tal envergadura que precisamos do auxílio de todos quantos nos queiram presentear. Há dias, perguntava-me um membro duma das Comissões: está aqui fulano que deseja entregar 20\$00, aceitam-se? Então, porque não? Mas ele não é da freguesia? E isso que importa? Note-se, de passagem, não era da freguesia e era pobre. O que não poderão fazer aqueles a quem Deus beneficiou, dum modo particular, confiando-lhes abundantes tesouros para que, administrando-os segundo os preceitos divinos, alcancem a felicidade temporal e também eterna? Não podemos nomear Comissões para os que estão distantes, confiamos nas suas iniciativas e contamos com a sua boa vontade.

A todos nos confessamos muito gratos e não temos melhor processo de lhes agradecer do que encomendá-los a Deus, pedindo que os encha de Suas gra-

## FESTA DO SS.mo SACRAMENTO

Como já foi dito, nas colunas deste jornal, e, por mais duma vez se tornou público, nas Missas dominicais, realiza-se, de 4 a 7 de Agosto próximo a grandiosa festa do SS.mo Sacramento. E digo grandiosa, porque assim o deve ser, sob todos os pontos de vista: deve ser grande, porque trata-se não de homenagear qualquer santo, na sua imagem ou relíquia ou mesmo de prestar culto a algum dos mistérios do nosso Amável Redentor, não. Vamos adorar, publicamente, e fazer com que outros adorem também o próprio Senhor, oculto, a nossos olhos, sob as espécies sacramentais. Vamos conduzir, triunfalmente, pelas ruas desta Vila, o Dominador de todos os povos, o nosso Rei e Senhor, pedindo-Lhe que abençoe esta terra e a torne uma seara fecunda de santos e santas; que abençoe os nossos campos, para que produzam frutos abundantes; que oriente os nossos negócios no caminho da prosperidade e da paz; que abençoe as nossas casas, as nossas famílias e todos quantos nos são queridos. Queremos pedir a Jesus que seja sempre o nosso verdadeiro Amor e a única razão de todo o nosso viver. Enfim, queremos que esta solenidade se revista do máximo esplendor para que cale bem fundo nos corações de todos os pradenses, transformando, por completo, as suas vidas em hóstia de oblação que, diariamente, se há-de imolar ao altar do sacrifício.

Queremos ainda que esta homenagem a Jesus Eucarística seja rodeada de todo o carinho e amor porque, além das razões acima apontadas, está em causa o brio e o bom nome desta freguesia. Prado tem fama de, quando faz alguma festa, fazer coisa que se possa ver. Alguns chegam mesmo a dizer, com um certo orgulho e bairrismo: «nós quando saímos, saímos.» Esperamos, mais uma vez, que estas palavras não sejam desmentidas! Mais. Temos procurado dedicar todas as nossas atenções a outras festividades que, a cada passo, se estão a repetir. Ora, há quantos anos, se não celebra, nesta paróquia, a festa do SS.mo Sacramento?

A Comissão está empenhada em se entregar aos maiores sacrifícios para que nada falte, nem material nem espiritualmente falando. Mas lembrem-se todos de que, por maior que seja a vontade da Comissão, embora constituída por alguns membros de maior evidência na freguesia não poderá ir muito longe, se lhe faltar a colaboração de todos e de cada um. Por isso, dirige-se a todos os filhos desta Vila e a todos os seus simpáticos, ainda mesmo que se encontrem a

## Parada de Gatim

**Festa do Senhor** — Como nos anos anteriores realizou-se a festa em honra do SS.mo Sacramento e de Nossa Senhora do Rosário, promovida pelas confrarias, conforme rezam os Estatutos. O programa foi o seguinte: Dia 25, Confesso dos irmãos e o ofício conforme nos anos anteriores. No dia 26 de manhã, missa da festa, cantada pelo grupo coral desta freguesia e acolitada pelos rev.dos padres de Oleiros e Igreja Nova; à tarde, por volta das 16 horas, exposição do SS.mo com sermão pelo grande orador sagrado P.e Alberto Cunha, digníssimo pároco em Marrancos, Vila Verde, e no fim uma imponente procissão Eucarística que percorreu os lugares do costume.

**Obras na igreja** — Começaram há dias as obras de restauração da nossa igreja paroquial, na qual se vai gastar algumas dezenas de contos. Das páginas deste jornal, quero lembrar aos Paradenses, ausentes no estrangeiro, que não se esqueçam da igreja da sua terra natal, concorrendo assim, com alguns donativos para as obras de restauração.

Avante Paradenses!... pelo engrandecimento da vossa terra. Pela restauração da vossa igreja!...

**De Barcelos — Aniversário** — No passado dia 6 do corrente festejou o seu aniversário natalício o sr. José Manuel Perestelo, digníssimo empregado de escritório da quinta de Santa Maria, Barcelos.

O sr. Domingos Alves Fernandes, representante do afamado lagar moderno, do sr. Vinagre (quinta de Santa Maria), deseja-lhe um ad multos annos.

**Óbito** — Quando vinha pela estrada de Prado a esta freguesia, no dia 28 do passado mês de Maio, foi acometida dum ataque cardíaco, a s.ra Aurora de Oliveira, a qual passados poucos momentos falecia. A saudosa extinta que contava 58 anos era casada com o sr. António da Costa.

A sua morte foi bastante sentida, no meio dos seus conterrâneos não só por ser uma morte quase repentina, como pelas boas qualidades de que era dotada.

O funeral realizou-se no dia 30, com acompanhamento de todas as confrarias, tendo missa de cadáver presente.

A família enlutada as nossas sentidas condolências.

— Também no dia 25 do corrente, com 78 anos de idade, faleceu, no lugar dos Bogalheiros, deste freguesia, a s.ra Violante Moreira.

O funeral realizou-se no dia 27 para o cemitério desta freguesia, com acompanhamento de todas as confrarias, tendo missa de corpo presente.

Os nossos sentidos pésames à família enlutada. — (C.)

IDEM, 7.

**Obras paroquiais** — Para receber os donativos, para as obras paroquiais, foi constituída uma Comissão, e cada membro recebe no lugar que lhe foi escalado.

A ordem foi a seguinte: Aníbal de Araújo Santana — (Bogalheiros e S. Braz); Manuel Correia — (Vila, Eira-Vedra e Carcavelos); Ilídio de Sousa Santos — (Cid); Manuel Vieira da Costa — (Santo-Novo, Penelas, Assento, Boavista e Penedo); Fernando da Silva Dantas — (Agrélo e Palmaz); Firmino Correia — (Bustelo); Alberto da Cunha Coelho.

Oxalá que tudo corra bem.

**Exames** — Acabaram de concluir, no dia 7 do corrente, os exames de 2.º grau, os meninos e meninas, desta freguesia, que tiveram lugar na Escola de Bom Sucesso, em Prado, tendo ficado todos aprovados. Apresentamos os nossos parabéns às dignas professoras, pela tarefa árdua que tiveram em preparar os alunos para o exame.

**Desastre** — Quando ia a caminho da vizinha freguesia de Escariz (S. Mamede), ao passar junto a uma bouça, aonde andavam uns senhores a deitar paus de pinho abaixo, não avisaram e um pinheiro caiu por cima da s.ra Maria Gonçalves, do lugar de Agrelo, desta freguesia, tendo-lhe partido um braço, uma perna e sofrendo ferimentos nas costelas. Recolheu ao Hospital de Vila Verde em estado muito grave.

Oxalá que tenha rápidas melhoras.

**Partida** — Para as terras de Santa Cruz, embarcaram no paquete «Vera Cruz» os srs. António de Sousa e Agostinho M. e Silva.

Muitas prosperidades na vida são os nossos votos.

**Aniversários** — Comemora o nosso S.A.P. o primeiro aniversário, da partida para as terras de Santa Cruz, do nosso grande atleta, avançado-centro, José da Silva Correia.

Muitas prosperidades na vida são os nossos votos.

— No dia 9 do corrente festejou as suas 18 risonhas primaveras, a gentil menina Glória Correia e no dia 7 e 9, respectivamente, dos meses de Junho e Julho a menina Rosa Correia Vaz, da Boavista e o jovem Fernando da Silva Fernandes. No dia 4 de Junho festejou o seu aniversário a menina Palmira da Purificação da Silva Correia e no dia 29 do mesmo mês o sr. Manuel Correia e no dia 8 de Julho o menino Francisco da Silva Correia; em 14 do mesmo mês completou as suas 80 primaveras a s.ra Rosa Cerqueira do Rego.

Oxalá que Deus lhe conceda a vida por muitos anos.

**Férias** — Encontram-se a gozar as férias junto de suas famílias os seminaristas, Francisco A. da Costa Araújo e Domingos Fernandes da Silva. — (C.)

longas distâncias para que não faltem com o seu valioso concurso. São precisos alguns milhares de escudos, passará bastante duma dezena e é dos corações generosos que hão-de sair.

Vamos. Ninguém regateie qualquer pedido nem se escuse a fazer os sacrifícios necessários para que esta Festa encha as nossas almas de amor à Divina Eucarística e de alegria os nossos corações, pelo dever bem cumprido e Jesus, que nunca fica atrás em generosidade, nos recompensará Cem por Um.

## DA AFRICA

Vindo da nossa província de Moçambique, deu-nos a honra da sua visita o nosso amigo Manuel Dias da Costa, natural de Ateães, encontrando-se a passar uma temporada nesta risonha Vila de Prado. Gratos pela atenção e formulamos votos para que a sua permanência entre nós seja longa e feliz.

## Cervães

### VISITA PASTORAL

A 22 de Junho esteve esta grande freguesia, como disse Sua Ex.ª Rev.ª, em festa, devido à brilhante recepção ao Venerando Bispo Auxiliar sr. D. Francisco Maria da Silva.

Receberam o Santo Crisma numerosas crianças e vários adultos, servindo de padrinhos os Drs. Aurélio Cunha e Cândido Bacelar e de madrinha a s.ra D. Amélia Silva.

Durante a visita acompanharam o sr. Bispo o Reverendíssimo Cônego-abade de Prado, digníssimo Arcipreste de Vila Verde sr. P.e Peixoto e vários sacerdotes deste arcebispo de Barcelos.

Sua Ex.ª Rev.ª deve ter ficado bem impressionado pelo modo como foi recebido desde a capela de N.ª S.ª de Lurdes, Anjo da Guarda e S. Miguel até à Igreja Paroquial cujo aforoseamento se deve ao muito zelo religioso do nosso bom pároco sr. P.e Pinheiro e às comissões de trabalhos e donativos que estão de parabéns bem como os operários que embelezaram os templos e o cemitério paroquial.

— Ao ilustre colega das correspondências de Vila Verde deste lugar felicito-o pelo modo como mostra saber defender a pobre e martirizada lavoura que, se até 1960 já vivia bem mal, quem sabe o que a vai esperar se as contribuições, impostos, foras multas etc., ainda a irão por pior! — diz o Zé povinho que para melhor ninguém vai! Permita Deus que as novas avaliações desmintam este dito popular! Nas suas orações não se esqueça o Rev.mo Clero, de pedir pela Agricultura a proteção divina, a ver se temos, de futuro bons anos agrícolas.

P. S. — Já me esquecia outro pedido. Este é para mim: — que os amigos da lavoura do concelho, com o Ex.mo Clero e o Rev.mo P.e Diogo, peçam a nossa Senhora do Alívio que me melhore a vista para melhor poder ver para ler e escrever tudo o que é «A Bem da Lavoura»

**EX.mo COLEGA DE VILA VERDE** — No m.o de 3-7-60 li a resposta ao que venho, há já que séculos! afirmando através das minhas campanhas (tanto A Bem da Lavoura como da Nação).

Tudo o que, de verdade, é verdade bem dura! — o meu amigo disse aqui, é bom que os Grémios da Lavoura, as Câmaras e a U.N. o vão expor a Salazar e aos srs. eng. Quartim Graça e ministro das finanças.

Agradeço ao sr. P.e Diogo o modo simpático, enérgico e amável como defende a martirizada Lavoura e me atendeu e acarinhou os meus constantes pontos de vista que, velho como eu e miope como estou, já pouco posso readvogar como nos bons tempos dos saudosos P.e's Bastos, Maga-

lhães Costa e Silva Gonçalves, ajudando, cheio de entusiasmo — os meus com painheiros dos sindicatos agrícolas em que me filiei — de Braga e Barcelos, Drs. Rodrigues Braga e Matos Graça, Conde de Vilas Boas e Cardoso de Albuquerque. Muito gostei de saber que o chefe dos Tartaros perdoava aos subditos as contribuições, em todos os anos calamitosos! Hoje dever-se-ia ou não lembrar-lo ao nosso governo pessoa de bem, como lhe chamou alguém.

O mesmo se deverá pedir, ao menos nos frequentes anos maus, aos encarregados de aplicar multas, relaxos, arrastos, penhoras, etc., para parecer estarmos num país ocidental em que há caridade e se faz uma política cristã ou do espírito.

Não acha o colega que a continuar a pagar-se as contribuições em Setembro, deve permitir-se transitar a venda do vinho novo mais cedo um mês ou dois a quem o colher a tempo de ele dar o dinheiro preciso para isso havendo quem o colha cedo, como é sorte de muitos?

E sobre a cobrança ou o pagamento dos avisos de foros e contribuições, em vez de ser mandados pela fazenda nacional para casas de negócio e correios deviam, de preferência, ser entregues à mão, com caderneta para lá, querendo se pagar nas Casas do Povo, juntas ou regedor, onde se pagá-los, alguma coisa se desse, pouco que fosse e se quizesse, para agradecer e ser dispensado de ir à sede do concelho ou a secção de finanças.

Que diz o meu bom colega sobre esta minha antiga sugestão, muito útil ao pobre lavrador, cujo tempo é dinheiro?

Adeante: — (Eu sei que isto de ter de andar sempre a pagar, ou, ao menos aflito e sujeito a multas por umas tantas transgressões, indispõe os eleitores e os seus amigos que o não são e há-de impedir muitos que contrainem dívidas sendo multados por falta de papelada, de licenças, chapas, etc., de concorrer com esmolas e oferendas para cortejos hospitalares ou a bem da assistência e da pobreza).

O sr. correspondente não acha que os que melhor podem dariam mais aos que precisam se podessem viver melhor, com menos dificuldades ou com mais dinheiro para com ele fazer bem aos pobres e a casas de assistência e caridade?

E por hoje basta. Aguardo e agradeço ao bom abade de Vila Verde tudo o que aqui e ali fizer e disser a bem da pobre lavoura que luta com a maior crise de todos os tempos e a seguir à responsabilidade da Redacção, que me dê licença para continuar a... Advogar e... a Recitar na mesma para não variar!

C. BACELAR

DOÇARIA  
LUZITANA

Rua Francisco Sanchez, 119-127

Tel. 3300

e Jardim de Santa Bárbara

BRAGA

Sala de Chá

Todas as qualidades de doce

— Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies

PREÇO ANUAL DE ASSINATURAS:	
Continente	25\$00
ULTRAMAR e Brasil (via marítima)	55\$00
» (via aérea)	140\$00
Outras nações (via marítima)	65\$00
» (via aérea)	160\$00

## Câmara Municipal

### Sessão ordinária de 7 de Julho

#### Pedidos de participações

O sr. Eng.º Sá e Melo, Director Geral dos Serviços de Urbanização informa que as entidades que peçam a participação do Estado, para melhoramentos do Fundo do Desemprego ou dos Melhoramentos Rurais, o façam por intermédio do Governo Civil ou Câmara Municipal.

#### Foram concedidas licenças para obras

A Mário Joaquim da Silva e João Luís da Silva, do Campo da Feira, de Vila Verde, para diversas obras num seu prédio ao Campo da Feira — ao capataz para informar; a António Gomes, de S. Martinho de Escariz, para condução de água de rega por caminho público; a Margarida Rosa de Azevedo, de Cabanelas, para construção de uma vedação; a Manuel Fernandes Couto, de Cervães, para construção de uma vedação; a Mário Joaquim da Silva e João Luís da Silva, para ocupação de 10 m<sup>2</sup> de via pública; a António F. Fernandes do Lago, de Vila Verde, para reparação dum telhado; a Laurinda da Silva, para construção de uma casa; a António da Silva, de Barbudo, para construção de uma casa; a Teresa de Jesus Machado, de Cabanelas, para construção de uma casa.

#### Lavandouro em S. Miguel de Oriz

A Junta queixou-se de que um particular se apropriou de terreno maninho e da água de um lavandouro.

Aproveitou o particular documento comprovativo de que a água e o terreno eram suas pertenças. A Câmara manda que se archive.

#### Água em caminho público

A Câmara manda que se notifique João Nogueira, da Lage, para não lançar a água para o caminho público.

#### Fonte que não será pública

Vários consortes, de Parada de Gatim, reclamam contra a relação que foi enviada à Câmara pela Junta da Freguesia, das fontes públicas, porque incluía uma, que era dos consortes. A Junta da Freguesia para informar.

#### Foi concedida assistência hospitalar

A Manuel Barbosa da Cunha, de Barbudo; a António Carvalho Afonso, de Oleiros; a Maria do Céu Rodrigues, de Moure; a Olívia da Silva Queirós, de Prado, S.ta Maria.

#### Voto de pesar

Pelo sr. Vice-Presidente da Câmara, que presidiu à sessão, foi proposto e aprovado um voto de pesar pelo falecimento da sr.a D. Maria Rosa Pereira Esteves, sogra do sr. Dr. António dos Santos Ferreira, presidente da Câmara.

## A Taberna

(Continuação da 1.ª pág.)

sobre a porta, à laia de brasão ou insígnia, um ramo de loiro, desse mesmo loiro com que, outrora, se coroavam os artistas, os poetas e os guerreiros.

Não podemos condenar o taberneiro, já que ele exerce uma profissão legal; não podemos condenar o vinho, preciosa dádiva de Deus para alegria da sua criatura já que «bonum vinum lætificat cor hominis» mas condenamos a Taberna porque a sua atmosfera é propícia à eclosão e contágio de ruínas paixões, porque se, no dizer de Guerra Junqueiro, a cadeia engole um vadio e vomita-o transformado em saltador de estrada, também acontece a muitos que começam na Taberna, sem defeitos e sem culpas, serem transformados, naquele ambiente maisão, em criminosos de todas as espécies.

Acabar com a Taberna tal qual ela se nos apresenta, sobretudo nesse Minho adorável, não seria impedir que o vinhateiro vendesse a sua colheita e o comerciante fizesse o seu negócio. Do que temos certeza é de que, se acabassem as tabernas, como elas, hoje, são, haveria menos cadeias e muitos serventuários da lei iriam viver doutras ocupações. Haveria mais paz social e mais harmonia nas famílias, crianças mais sãs e mais limpas, menos miséria, maior nobreza no viver.

Falei, acima, no Minho, porque não posso recordar, sem horror, as espeluncas que infestam certas das suas aldeias e cujo recheio de pouco mais consta do que dum casco de vinho e duma prateleira com tabaco, que estão por vezes, situadas a dois passos da Igreja e da Escola, da Igreja onde, perante o Tabernáculo onde cremos estar Deus vivo, Deus presente, ouvimos perfeitamente, cá fora, o clamor de obscenidades que a Taberna vomita; da Escola onde pequeninos seres, os homens de amanhã, estão cercados pela mesma barreira de lodo.

Clamaremos no deserto? Não! Do que escrevemos alguma coisa se aproveitará. O monstro de Tebas afundou-se no mar, impérios ruíram, muitas coisas que pareciam imperecíveis desapareceram da face da terra. Também a imoralidade de que a Taberna é uma desgraçada manifestação há-de ser vencida e a moral dos Evangelhos renascerá e acabará por reinar para que o mundo se torne melhor e a vida se torne digna de ser vivida.

E voltaremos à luta contra a Hidra, se Deus quiser.

A. S. S.

## Urge acudir à Lavoura

(Continuação da 1.ª pág.)

Digo dos lavradores, porque num Concelho onde há cerca de 20.000 proprietários, o lavrador, em média é um pequeno trabalhador da gleba. Mas as coisas iam menos mal, porque os produtos — milho e vinho — sempre tiveram regulares mercados.

Porém o país não podia ficar na rotina. Construíram-se barragens, aproveitaram-se milhares de hectares de boas terras de aluvião, com boa irrigação. Plantaram-se enormes extensões de vinhas, fizeram-se organizações.

Consequentemente os mercados reservados ao nosso Concelho, aos seus milhos e vinhos, foram conquistados em condições a que nós, nas presentes circunstâncias como nos tempos dos nossos tetravós, não podemos fazer frente.

O milho e o vinho já não podem ser consumidos pelo nosso país. Por isso, aqueles produtos que foram de piores condições e os mais caros, e de quem tiver piores organizações, serão sacrificados. Ora, como em matemática, no nosso Concelho, o milho e o vinho ficam mais caros, não têm organizações de produção e colocação, logo sofrem a crise com a concorrência da melhor organização e industrialização da Lavoura Nacional, especialmente no Sul.

Esperamos que o país se sacrifique à rotina deste Concelho de Vila Verde?

Esperamos que o Estado continue indefinidamente a misturar o milho com o trigo — que também está a chegar para o consumo nacional — e que continue a comprar por 30\$00 a arroba do milho e a vendê-lo para o estrangeiro por metade do custo?

Dizia um escritor que o Estado nada pode dar sem que primeiro nos venha tirar.

Será uma esperança vã.

Se nós vemos o Estado a fazer defesas de terrenos, a construir irrigações, a financiar cooperativas, etc., de quem é a culpa do caminho que segue o Concelho de Vila Verde?

É de nós todos e, de muitos, mais; cada um meta a mão na sua consciência e penitencie-se. Em organização agrícola vamos em barco à vela, sem piloto, ao sabor dos ventos e das correntes.

Mas não é caso de fazermos, como Jeremias, as lamentações sobre a Jerusalém desolada.

O Concelho de Vila Verde em vez de um montão de ruínas agrícolas, em vez de afogado pela industrialização da agricultura nacional, pode ser um empório agrícola.

Isto é um Concelho rico.

Como? Estude-se e organize-se. Para isso precisamos de homens de acção, técnicos, e de recorreremos ao Estado, nas mesmas condições em que os outros o têm feito.

É preciso fazer um estudo de todo o Concelho. Ver os locais onde, para além do milho do consumo interno, quais são os que têm condições para produzir melhor ao preço dos terrenos ribatejanos.

Há quem diga que o milho pode ser aplicado na criação de animais. Ao preço a que ele nos fica?

Nem que seja muito mais barato. Vejam o preço por que ficam os suínos engordados pela caixa do milho!...

Só os terrenos em boas condições para o milho poderão ficar para o milho de venda.

Muitos outros terrenos têm de ser aplicados a bravios, porque são de natureza que nada mais podem produzir.

Dirão, mas isso é ruína do proprietário estar à espera que o bravo cresça? Mas não é maior ruína cultivar por trinta e colher vinte?

Um grande número de terrenos poderão dedicar-se a outras culturas mais rendosas e tradicionais do Concelho, como pastos e frutas.

Lí algures que o Concelho de Vila Verde foi, há um século, um dos maiores exportadores de gado bovino para a França e para a Inglaterra.

Porque não devemos estudar as razões que nos fizeram afastar desta orientação? A criação de gado ainda é uma das melhores fontes de receitas.

Temos zonas no Concelho onde a laranja é deliciosa, e dum rendimento muitíssimo bom. São muito extensas. Vão desde Barbudo, S. Pedro de Esqueiros, S. Tiago de Carreiras, S. Miguel de Carreiras, Dossãos, Portela de Penela, Gondães, Mós, Pico (S. Paio, S. Miguel, S. Cristóvão) e grande parte da Ribeira etc..

Porque não caminhamos para uma cultura intensa da laranja nessas regiões, em forma industrial?

Em terrenos óptimos para laranja, rendosa, cultiva-se o milho ruinoso, que era melhor ser comprado pelos seus proprietários. Não temamos a concorrência. O consumo da laranja é cada vez maior e nem todos os terrenos servem para a sua cultura.

Temos agora, no Concelho, muitos lagares modernos de azeite. Porque não se plantam muitas oliveiras entre as laranjeiras, protegendo-as, e em terrenos mais pobres onde se cultiva o milho?

O azeite é um produto rendoso, e sempre de fácil exportação.

Temos uma zona de muita produção de maçã, como é toda a Ribeira; e outra de boa cereja: Barbudo, Esqueiros etc..

Era necessário intensificar essas culturas. Disseram-me que um proprietário, não em Vila Verde, como é evidente, sob a orientação do Posto Agrário de Braga — que fornece assistência técnica gratuita — pôs um hectare de terreno todo a pereiras. Esse terreno, a milho, poderia dar 4.000\$00 de rendimento; em peras colheu, num ano cerca de 30.000\$00.

É preciso fazer soutos de castanheiros, plantar nogueiras, etc..

Por isso vamos para a organização. É preciso andar. Quem não pode que alije.

Estude-se, aperfeiçoe-se a cultura, escolham-se os terrenos. Quem não quiser andar fica pelo caminho.

Depois tem de fazer-se uma cooperativa para os vinhos, produzir melhores qualidades, arranjar melhores mercados, para não sermos afogados pelo vinho maduro.

É indispensável uma cooperativa para venda das frutas, seu aproveitamento industrial por fábricas de conservas, etc., etc..



DE  
Mário Joaquim  
de Queirós & C.a

TELEFONE, 22014  
BRAGA

Casa  
Claro

— DE —

Paulo de Sousa  
Claro

fábrica e depósito de  
velas de cera e arti-  
gos de apicultura.

SEDE—Rua D. Diogo  
de Sousa, 100  
FILIAL—Rua Francis-  
co Sanches

Telefone 22305  
BRAGA

## Soma e segue

(Continuação da 1.ª pág.)

do seu busto, das suas ancas, etc. etc. foi o que, ali, apareceu mais consoante os canones da função.

Isto foi o que relataram, há dias, os jornais, como também disseram que a representação de Portugal, desta velha pátria de mulheres heroicas e virtuosas, não pudera assistir à exibição final, devido a um desarranjo qualquer da última hora. Ainda bem que essa concorrente falhada, patricia de tantas mulheres que, do Algarve ao Minho arrastam uma vida de sacrifícios e carências, de tantas que, envoltas num burel, alimentam por terras inhóspitas, a flor sem par da caridade, não pode exhibir perante o arcêpago de Miami o nome deste Portugal, desta Terra de Santa Maria, o que talvez fosse mais uma graça de Nossa Senhora para evitar que a sua Terra tivesse convívência naquele pagode. É que para misérias já bastam aquelas que a polícia das praças anda, nesta ocasião, neste país à beira mar plantado, a combater de metro em punho...

Eu não sou político nem sectário. Nos meus escritos não procuro senão expender os meus sentimentos de português e de católico. Mas pergunto: Que seria hoje de Portugal se à frente dos seus destinos não estivesse essa egrégia figura de homem que de tão extraordinária maneira tem sabido conduzir a vida nacional? O que seria a Nação, o que seria o seu Império, onde estaria o orgulho de ser português?

A. S. S.

### TRAÇA DA UVA

A traça da uva causou já, no decorrer do ano, grandes danos nas vinhas dalgumas regiões.

Dentro de poucos dias deverá surgir a 2.ª geração do insecto pelo que, nos concelhos que foram mais atacados, há necessidade de se executarem oportunos tratamentos, para evitar novos prejuízos.

Aconselha-se, por volta de meados de Julho, fazer um dos seguintes tratamentos:

- 1—Uma calda de **Diazinon** empregando 1 decilitro do produto comercial por 100 L. de água.
- 2—Uma calda de **Melathion**, usando a dose de 1,5 decilitro do produto comercial por 100 L. de água.
- 3—Uma calda de **D. D. T. molhável** a 50 % usando 200 grs. por 100 L. de água.

Para qualquer esclarecimento deverão ser consultados os técnicos em serviço no Grémio da Lavoura ou no Posto Agrário de Braga.



PRODUTOS PARA VINHOS  
APARELHOS PARA ANALISES  
MAQUINAS PARA ADEGA  
TESOURAS DE PODA «PRADINES»

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155 — 1.º — PORTO  
Telef. 28093 Teleg. Guipeimar

Estou certo de que o Concelho de Vila Verde tem de reagir, desde que apareçam homens orientadores cheios de espirito novo.

Não se julgue que se pode resolver o problema prendendo a mão de obra, não deixando emigrar o trabalhador, isto seria servir-nos da fome, para corrigir os nossos erros.

Até aqui, como havia muita mão de obra e barata, cultivou-se tudo, a torto e a direito, a milho e vinho. Agora a mão de obra encarece, os produtos não têm procura, por serem mais baratos noutras regiões mais industrializadas, temos de arrepiar caminho.

Vila Verde, 14 de Julho de 1960.

Padre Manuel Gonçalves Diogo